

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

BERNARDO SASSETTI — A MÚSICA COMO FICÇÃO

25 de Janeiro de 2022

98 OCTANAS / 2006

Realização, Montagem: Fernando Lopes *Argumento:* João Lopes, a partir de textos de Diogo Seixas Lopes *Fotografia* (35 mm): Edmundo Díaz *Som:* Pedro Melo, Gérard Rousseau *Misturas:* Gérard Rousseau *Música:* Bernardo Sasseti *Decoração, Guarda-roupa:* Maria José Branco *Assistente de Realização:* José Maria Vaz da Silva *Interpretação:* Rogério Samora (Diniz), Carla Chambel (Maria), Márcia Breia (Pilar), Fernando Heitor (empregado de bar), Joaquim Leitão (padre), Fernando Lopes (mafioso), Pedro Melo.

Produção: Clap Filmes (Portugal, 2006) *Produtor:* Paulo Branco *Direcção de Produção:* Diana Coelho *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 95 minutos *Estreia comercial:* 14 de Setembro de 2006, nos cinemas Fonte Nova, King, Monumental-Saldanha (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca:* 24 de Março de 2014 (“Paulo Rocha e Fernando Lopes, ‘Uma Espécie de Gémeos Diferentes’”).

NOTAS

98 OCTANAS é mostrado com ANTES DE AMANHÃ de Gonçalo Galvão Telles, que apresenta a sessão.

No contexto deste programa dedicado à música para cinema de Bernardo Sasseti, 98 OCTANAS tornar-se-ia entretanto, lamentavelmente, o primeiro filme com Rogério Samora que a Cinemateca mostra depois do desaparecimento do actor. Está já anunciada uma retrospectiva *in memoriam* no próximo mês de Fevereiro, mas esta sessão de 98 OCTANAS decorre também em sua homenagem.

Segunda colaboração de Fernando Lopes e do crítico de cinema João Lopes, depois de LÁ FORA, 98 OCTANAS é ante-penúltima longa-metragem de ficção do cineasta, que a elas voltou nos posteriores OS SORRISOS DO DESTINO e EM CÂMARA LENTA. Na variada obra de Fernando Lopes, é o filme do duplo regresso que tem por referente o trabalho com um actor, Rogério Samora, que Lopes “encontrou” pela primeira vez nos anos 1980 de MATAR SAUDADES, em que o filmou como um Abel perdido nas memórias de um passado por resolver, e com quem filmou os anteriores O DELFIM – dando-lhe o seu melhor papel em cinema como Tomás Palma Bravo –, e LÁ FORA, em que o pôs a contracenar com Alexandra Lencastre, como no DELFIM.

Em termos de “rimas internas”, a presença de Rogério Samora em 98 OCTANAS transporta de facto consigo a evocação de MATAR SAUDADES, o filme de Lopes que começa “na estrada” com o regresso a casa de um homem marcado de rosto fechado e silêncio eloquente (nos olhos de Diniz pode ver-se a mesma expressão do olhar de Abel), e do mal-estar contemporâneo que se trabalha como matéria em LÁ FORA. A “ponta” é evidente e pode pegar-se por ela: o “díptico” formado por LÁ FORA e 98 OCTANAS no contexto da obra de Fernando Lopes resulta da sua associação no argumento com João Lopes, coincidindo com o momento do que o cineasta entendeu como um capítulo a abrir na sua filmografia, para suceder à adaptação literária do romance de José Cardoso Pires, por Vasco Pulido Valente, em O DELFIM. Em LÁ FORA, de que falava como o seu “primeiro filme do século XXI”, e esteve para se chamar “Condomínio Privado” ou “Fechado” ou “Como Nós Somos”, Fernando Lopes quis centrar-se no real como virtual, pensado num retrato “como nós vivíamos agora, em Lisboa, nos anos 2003/2004: *the way we live*”. Neste seguinte 98 OCTANAS, em que o cenário não é “fechado” nem urbano, a ideia de um *road movie* partiu de textos de Diogo Seixas Lopes num livro em parceria com Nuno Cera, *Cimêncio*, “uma junção de silêncio e cimento, que é uma análise fotográfica e escrita, do ponto de vista de um arquitecto, com um lado de antropologia, sobre tudo o que é periferia. Bairros periféricos, estradas, estações de serviço”, como na altura disse Fernando Lopes referindo que 98

OCTANAS surgia “no sentido da mobilidade e da errância”. Também foi o cineasta a notar o lado redentor que sentia em 98 OCTANAS: “Há um lado mais redentor neste filme do que n’O DELFIM e no LÁ FORA, ambos sobre universos que se vão fechando. Em 98 OCTANAS, finalmente, há qualquer coisa que se abre. É a parte final do filme, com aquela grande árvore e as vozes *off*. Ela pergunta: ‘E onde é que isso fica?’, ele responde-lhe: ‘Perto’.”

É no metalizado BMW azul descapotável do protagonista, em que o recém-formado e acidental par embarca para a viagem do filme, que segue pelas auto-estradas rumo ao norte (a A1 ou a A23, a partir do encontro da estação de serviço da Mealhada até à fronteira de Vilar Formoso), com paragens recorrentes em estações de serviço – o rasto de *Cimêncio* no filme – que são também o cenário por excelência do seu enredo *noir*, com bandidos, ameaças e pistolas – o lado *a girl and a gun* do filme, onde são múltiplas as referências cinéfilas. Mas mesmo antes de chegar ao Norte rural, à aldeia da avó de Maria para uma visita relâmpago de dimensão mítica, onde cabem planos de uma Paixão de Cristo, 98 OCTANAS tem outras paragens, um antídoto de paisagens e ambientes naturais para o alcatrão e o combustível, onde a história do casal sem história deste filme vai acontecendo, pensada e construída como um encontro emocional entre dois acoitados. *Eles* são então Rogério Samora e Carla Chambel, um casal constituído a pretexto de uma boleia que, na rodagem, em Julho e Agosto de 2004, meses assolados pelos incêndios florestais de Verão, o filme seguiu pela ordem narrativa, muito nocturno mas também muito luminoso, aproveitando a cor da luz desse Verão incendiado, mas tendo também em conta o que Fernando Lopes pediu ao seu director de fotografia como tratamento de cor, uma reminiscência do preto e branco, a pensar em Nicholas Ray, *THEY LIVE BY NIGHT*.

Fernando Lopes falava de 98 OCTANAS como “um filme de acção” e é transparente que entre as muitas “piscadelas de olho” cinéfilas, onde não falta o Godard de *PIERROT LE FOU*, estão o *film noir* e a matriz da série B americana, filmes como *THEY LIVE BY NIGHT*, o Ray que Lopes mostrou aos actores durante a rodagem, ou *DETOUR* de Ulmer. 98 OCTANAS não é uma sua variação, notar as referências traduz-se na sinalização de inspirações, que para o cineasta foram neste caso uma confluência de múltiplos cursos, o que talvez explique como a beleza assombrada por recortes luminosos de alguns dos planos resulta num filme impregnado de melancolia mas não isento de descentramento. Neste filme, a ambição de Fernando Lopes, que surge aqui em campo no pequeno papel de um mafioso que soletra palavras com que ele se descreveu a si mesmo – alguém que “bebeu, fumou e se comoveu demais” – , foi o de “um regresso à juventude” em que deixou também inscrita marcas da sua biografia, assim mesmo o explicitou numa entrevista ao *Jornal de Notícias* em 2006:

“Em 98 OCTANAS expus tudo. O filme é um longo *flashback* do que fiz na vida. Não só como cineasta mas como ser: os amores e desamores, os copos que bebi e não bebi, os cigarros que fumei e não devia ter fumado. Nesta fase da vida em que estou não se pergunta se já morremos; pergunta-se: e se somos só replicantes? E se somos só um código de barras que tem já inscrito o prazo de validade? [...] Há um colega meu, que é sempre generosíssimo na análise dos filmes – o Alberto Seixas Santos, que não por acaso fez um filme chamado *MAL* – que viu o filme e me disse que este era o meu filme mais luminoso. Acho que ele tem razão; há um lado lírico no filme, um lado Bernardim Ribeiro e de *Menina e Moça*. [...] O filme é luminoso no sentido em que alguém se revela a si próprio, em que alguém se expõe à transparência. Como uma radiografia íntima – como se isso fosse possível.”